

‘Nossa história vai virar cinema’

Profetizada em hit do funk melody, a saga de Claudinho e Buchecha chega hoje às telas, sob a direção de Eduardo Albergaria, com fôlego – e lirismo – para virar sucesso de bilheteria

Angélica Goudinho/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Sintomáticos do lirismo do funk melody nacional, os versos “Você pra mim é tudo / Minha terra, meu céu, meu mar” podem se tornar uma declaração de amor do cinema brasileiro para o diretor Eduardo Albergaria, a partir desta quinta-feira, caso seu longa-metragem “Nosso Sonho – A História de Claudinho e Buchecha” se transforme no fenômeno popular que está prometendo ser.

Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo que seja, a produção estreia apostando no carisma da dupla que ajudou a levar a alegria e a resiliência das periferias cariocas para a música. À luz elegante da fotografia de João Atala, Lucas Penteado e Juan Paiva encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”.

Não por acaso, ao longo de uma carreira meteórica, interrompida pela morte de Claudinho (num acidente de carro em 2002), os dois cantaram: “Nossa história vai virar cinema / E a gente vai passar em Hollywood, mas / Se ninguém gostar não tem problema/ Meu bem um grande amor / Não há quem mude”.

Fundador da produtora Urca Filmes, usina de séries e documentários, Albergaria despontou na direção com o curta-metragem “Achados e Perdidos” e estreou na direção de longas com uma trama romântica chamada “Happy Hour” (2018).



Eduardo Albergaria nos sets com Lucas Penteado e Juan Paiva, seus protagonistas

“Niteroiense de origem, vizinho da faculdade de cinema da UFF, onde sonhava estudar até que Collor nos atravessou e fez este sonho parecer impossível. Adiei o cinema por alguns anos até que não aguentei mais. Estou com 50 anos”, diz o cineasta, que, na entrevista a seguir, explica a recriação do Rio da década de 1990 no que promete ser um dos longas nacionais mais procurados de 2023.

Qual é a recordação mais essencial do Rio dos anos 1990 que você recria em “Nosso Sonho”?

Eduardo Albergaria: Penso que a recordação mais essencial do Rio dos anos 1990 que buscamos recriar foi o sentimento de que mesmo vivendo em um Rio de Janeiro de fraturas, contradições e violências, pairava no ar uma esperança de que podíamos ser melhores, de que tínhamos um futuro pela frente e

de que algo nos unia, mais do que separava. Um sentimento e uma esperança que, à luz da realidade do Rio e do Brasil — todos lembramos como os anos 1990 foram difíceis política, econômica e socialmente — podem parecer um tanto ingênuos. De lá para cá, a História nos provou várias vezes que eram mesmo. Mas essa ingenuidade também é criadora, fértil, potente.

Em que ponto essa recriação mexe com memórias afetivas suas da cidade?

O Fernando Velasco, querido amigo roteirista, foi quem teve a iluminada ideia de que deveríamos fazer este filme. Ele diz sempre que, quando toca Claudinho e Buchecha, a energia muda na hora, e para melhor. “Nosso Sonho”, “Conquista”, “Só Love”... É uma trilha sonora que convida à alegria, não como escape, mas, como resistência.

Quando Claudinho e Buchecha extrapolaram os bailes e o rádio, chegando à TV aberta brasileira, grandes barreiras foram quebradas: a periferia do Rio ganhou visibilidade nacional. Eu, que cresci em Niterói, passei a cantar um sonho comum com quem vivia na Fazenda, na Chumbada, no Coi. Com quem vivia em localidades como Quitumbo, Guaporé, Jacaré... Na Cidade de Deus, Borel e Marechal, Vigário Geral, Rocinha e Vidigal. Todos esses lugares e muitos outros se viam cantando o mesmo sonho alegre, vital. Essa vitalidade periférica é, sempre foi, e acho que sempre vai ser, o que o Rio tem de mais potente. Nos anos noventa, Claudinho e Buchecha, dois jovens artistas periféricos, levaram essa potência para todo o Brasil e fora dele.

Que aspectos da saga de superação de Claudinho e Buchecha

mais te mobilizaram?

Claudinho e Buchecha são exemplos de superação num país que insiste em negar cidadania a tanta gente, em especial a jovens negros e periféricos. Nesse Brasil a arte é um instrumento fundamental de resistência, um lugar de construção de cidadania. Por isso, essa história de sucesso é inspiradora, tem que ser celebrada, revivida, como está sendo agora com o filme. Mas também é verdade que poucos alcançam o sucesso que muitos desejam. Por isso “Nosso Sonho” conta uma história que, sendo especificamente a de Claudinho e Buchecha, está estruturada sobre temas universais. É um filme sobre personagens icônicos da música brasileira e sua origem periférica, com dezenas de atores e centenas de figurantes negros, centrado em uma música tipicamente negra, o funk. É um filme no qual o corpo negro e a cultura negra têm o protagonismo que lhes são estruturalmente recusados há tantos séculos. Mas também é um filme sobre acaso e destino, vida e morte, luto e talento, dança e choro, tragédia e redenção.

De que maneira a sua experiência como produtor em relação a documentários influi no seu olhar sobre o real retratado em “Nosso Sonho”?

Minha experiência como produtor, diretor e sobretudo espectador de documentários para o cinema me trouxe curiosidade e desconfiança não sobre a realidade dos eventos em si, mas sobre sua interpretação. Qual o sentido das coisas? Não o sentido reivindicado pelo senso comum, que serve principalmente para gerar conforto, isso não me interessa nada. Quero crer que o rigor que os bons documentários exigem tornou meu olhar sobre as coisas menos definitivo, com mais lacunas e dúvidas, menos certezas, sem, todavia, abrir mão do desejo. Tenho para mim que nosso filme “Nosso Sonho” ultrapassa o real em direção ao sonhar, ao imaginário: o poético intensifica o empírico. É certo que a ficção acena ao documentário: temos, para citar um só exemplo, imagens de arquivo que são verdadeiros tesouros.